

MERCADO DE TRABALHO

RM Salvador, Singularidade no Mercado de Trabalho*

Vanda S. de Sá Barreto**

Ressalta na estrutura do mercado de trabalho de Salvador um grande contingente de desempregados. A singularidade da RMS começa aí. Entre os que trabalham, um grande número encontra-se sub-empregado. O setor moderno da economia não consegue — ou talvez seja responsável por isso — reverter o quadro. Embora seja maciçamente negra, a cidade do Salvador reserva aos descendentes afrobrasileiros as piores e mais mal remuneradas ocupações. O mesmo acontece de referência às mulheres: maioria da população, ainda encontram-se fora do mercado de trabalho e muitas ainda desempenham atividades domésticas.

A Bahia é uma terra singular. Mais ainda o é a sua capital, esta cidade do Salvador, da Bahia.

Poderíamos listar aqui uma gama de aspectos que conformariam o quadro de singularidades. No entanto, enfocaremos apenas um deles, o trabalho da sua população. Iremos, pois, tratar do que se denomina de Estrutura Ocupacional, que em última instância determina o cotidiano de sobrevivência de seus habitantes.¹

Entender a forma que assume hoje o mercado de trabalho na RMS passa também pelo entendimento de como, historicamente, a Bahia inseriu-se na economia nacional, particularmente os seus aspectos mais recentes.

Nas duas últimas décadas a RMS passou por um forte processo de reconversão da sua base produtiva, integrando-se de forma efetiva ao processo de acumulação nacional. Diversos estudos, no entanto, têm mostrado que nem sempre o ritmo e a dinâmica de desenvolvimento da economia baiana acompanhou, “pari-passu”, o da economia nacional.

Conseqüentemente nem sempre quando há uma crise no mercado de trabalho do país, ela se instala na Bahia, e mesmo assim quando se instala quase sempre o faz em tempo e magnitude diferentes.

Qual é a estrutura desse mercado?

Em primeiro lugar, o que nele se destaca é a permanente existência de um gran-

de contingente de desempregados; já pelo lado da ocupação é a manutenção de uma larga faixa de pessoas que se encontram na condição de sub-emprego, ao qual deve-se creditar o papel de “colchão amortecedor”, na medida em que permitiria ao mercado manter certa independência em relação às crises cíclicas.² O emprego gerado no segmento moderno da economia não é de monta a retirar do conjunto, a feição de uma sociedade “pouco estruturada” do ponto de vista do mercado de trabalho.

A RMS é negra

Esta configuração do mercado de trabalho está centrada sobre uma base demográfica e cultural também muito específica

* Vanda S. de Sá Barreto é socióloga e consultora da CRII-FFCH-UFBA.

(1) A análise refere-se ao universo da Região Metropolitana de Salvador — RMS, que engloba, como é sabido, a capital e mais 8 municípios que a cercam. Apesar de os dados se referirem a esse espaço mais amplo, os seus resultados falam em toda sua inteireza de Salvador, na medida em que sua população corresponde a cerca de 85% do total da RMS e conseqüentemente é quem lhe dá a feição. A fonte de dados, desde que não explicitada, é a PED — Pesquisa de Emprego e Desemprego na RMS realizada entre set/87 e set/89 pela Secretaria do Trabalho, em convênio com a SUDENE, DIEESE, SEADE, UFBA e MTB.

(2) Para maiores detalhes, ver BAIRROS, Castro e SÁ BARRETO. *Vivendo em Sobressaltos*. In Revista Força de Trabalho e Emprego (7 (12) -918, jan/ago, 1990.



e que tem como elo a condição racial. Ou seja, na RMS falar em população é falar em Raça e falar em Raça é falar em Raça Negra, pois a Bahia é Negra. Qualquer que seja a fonte de levantamento, e consequentemente os critérios para a determinação da cor, a maioria da RMS e particularmente de Salvador é Negra (pretos e pardos).³

De que forma os diversos segmentos étnicos se colocam no mercado de trabalho? É o que procuraremos responder.

Aos negros estão destinados os trabalhos menos qualificados e de requerimento físico, manual. A Tabela a seguir permite uma visualização das grandes diferenças na inserção de pretos, pardos e brancos na estrutura ocupacional da RMS.

Enquanto para os pretos as 10 principais ocupações (responsáveis por 68% do total) são todas sem qualificação e quase todas braçais, para os pardos a situação não é muito diferenciada; já para os brancos só 3 entre as 10 principais ocupações podem ser consideradas sem qualificação. Mesmo assim comparativamente a pretos e pardos o seu peso é relativamente pequeno.

É o caso do emprego doméstico, que aparece como a 4ª maior ocupação individual dos brancos. Tal fato pode parecer colocar brancos e negros no mesmo patamar. Só que entre os brancos ela significa apenas pouco mais de 3%, enquanto representa 10% dos pretos e cerca de 8% dos pardos.⁴

Há a destacar, além, as ocupações que, embora significativas entre os brancos, pouco representam entre os negros. É o caso de professores de 1º grau, diretores e técnicos de educação, engenheiros e arquitetos que requerem grau crescente de qualificação. Para não se falar na condição de empresário, que só se insere no universo dos brancos, dentre as ocupações com maior peso absoluto e relativo.

Essa cidade é de Oxum

Oxum tem como característica a vaidade e a faceirice, características essas que sempre são associadas à condição feminina.

Assim, pela sua beleza natural e pela magia de sua cultura, chega-se sempre à noção de que a cidade de Salvador é feminina, é de Oxum — a do dengue, da formosura e do ouro. E em verdade a realidade histórica tem mostrado que esta cidade é feminina. O que ela não comprova é o dado da beleza, da formosura, pelo menos se

(3) O IBGE, em seus levantamentos, prioriza a auto-classificação, ou seja, é o informante que declara sua cor. Já o PED utiliza o procedimento de o entrevistador realizar a classificação de acordo com elementos fenotípicos. Esse fato faz com que no PNAD, por exemplo, os pretos sejam 16% contra 41% na PED. Se se usar, porém, o conceito de negro (pretos e pardos), ambos os levantamentos se aproximam com respectivamente 78% e 82%.

(4) O emprego doméstico abarca os serviços de cozinheira, arrumadeira, babá, motorista, governanta, jardineiro e vigia. Há uma forte probabilidade de que ocorra uma seletividade étnica dentro das atividades que se denominam, genericamente, de emprego doméstico.



tomarmos como referência a situação de trabalho, de sobrevivência de sua população, como adiante tentaremos demonstrar. Vejamos por ora o seu caráter feminino.

Hoje as mulheres representam 53% da população de Salvador e da RMS, segundo os resultados preliminares do Censo Demográfico de 1991, participação relativa essa que mantém desde décadas passadas.

A mulher baiana está imortalizada nas canções populares, nos personagens de romances, onde são enfatizados o seu lado "Oxum". Mas será de beleza, de dengue, o "perfil" da mulher baiana, particularmente da mulher trabalhadora? De que mulher estamos falando?

É consensual que foi expressivo o processo de incorporação das mulheres à força de trabalho.⁵ Este fato, porém, não é contraditório com a constatação de que ainda não é nada desprezível o contingente de mulheres fora da PEA, ou seja, do mercado de trabalho, já que a maioria é inativa. Apenas 48% das mulheres da RMS em idade de trabalho são economicamente ativas, con-

tra 70% dos homens.⁶ Ou seja, mais da metade das mulheres ainda hoje não se lançou ao mercado de trabalho.⁷

Retomemos a questão da "beleza" e do trabalho. Afinal, o que é que a baiana fez e faz?

Trabalho elaborado por CASTRO & GUIMARÃES com dados censitários (1950/1980) mostrou que no período estudado, algumas mudanças significativas se deram em relação ao lugar que as mulheres ocupavam nas atividades econômicas. Destacavam entre elas, a redução significativa do emprego ligado à produção, a duplicação das atividades na esfera da circulação e o grande incremento no âmbito das atividades ligadas ao consumo — que em 1980 constituíam 63% das ocupações contra 49% em 1950.⁸

A última década trouxe alguma mudança neste quadro? Quais são, hoje, as principais características da ocupação feminina na RMS?

Primeiro ele é excessivamente restrito em termos de ocupações em relação às

quais as mulheres têm acesso. Enquanto 44 diferentes ocupações representam 73% das ocupações dos homens, entre as mulheres apenas 10 ocupações perfazem 71% do total.

Em segundo lugar, existe a predominância de ocupações exercidas basicamente no âmbito da residência, ou no máximo para a residência, e não nas empresas. Mesmo sendo ocupação que pressupõe uma relação de trabalho, é consensual que o seu padrão de trabalho caracteriza-se, grosso modo, pela baixa remuneração, excessiva carga horária e ausência de cobertura previdenciária e trabalhista.

É significativo o fato de ser o emprego doméstico a ocupação que mais absorve mulheres na RMS. Assim, de cada 100 mulheres que trabalham na RMS, 18 são empregadas domésticas. Se a este contingente se acrescentar os serviços de lavadeira/passeadeira e a atividade de faxineira, teremos que 33 em cada 100 mulheres exercem suas atividades remuneradas no, ou para o "lar".

(5) Em 1970 a taxa de participação das mulheres era de 18,2%. Apud CASTRO, Mary. *A realidade da Mulher no Mercado de Trabalho*. Revista Força de Trabalho e Emprego 7 (1/2): 19-24, jan/ago 1990.

(6) Os dados são valores médios do período dez/87 a nov/88 (PED-RMS).

(7) Estamos conscientemente abstraindo a discussão sobre o caráter do trabalho doméstico não remunerado exercido por grande parte das mulheres que são classificadas como inativas.

(8) CASTRO, Nadya & GUIMARÃES, Iracema. *O que é que a baiana faz?* Revista Força de Trabalho e Emprego, (4): 3-17, maio/ago 85.

Em ordem de importância, pois, são as seguintes as ocupações femininas:

1º lugar: Emprego doméstico, que absorve 18% das mulheres;

2º lugar: Vendedora, que absorve 16%;

3º lugar: Lavadeira/passadeira, que absorve 9%;

4º lugar: Faxineira, que absorve 6%;

5º lugar: Auxiliar de Escritório, que absorve 5%;

6º lugar: Professor de 1º grau, que absorve 4%;

7º lugar: Costureira, que absorve 4%;

8º lugar: Outras ocupações, que absorve 4%;

9º lugar: Auxiliar de Contabilidade, que absorve 3%;

10º lugar: Cabeleireira/Manicure, que absorve 3%.

É evidentemente um quadro ocupacional nada dignificante do ponto de vista das características que cercam o exercício dessas ocupações, como já visto.

Observe-se que, do ponto de vista do padrão de qualificação exigido para o exer-

cício dessas atividades, a ocupação mais importante é a de professor de 1º grau, ou seja, para mais de 70% das mulheres, o máximo que logram alcançar em termos profissionais é a condição de professora, pois a maioria não passa da rotina do trabalho "nas casas", indubitavelmente carregado de toda a carga de exploração deste trabalho e do preconceito social que a acompanha.

Uma terceira característica é a existência de "guetos" de trabalho feminino, ou seja, a existência de ocupações tipicamente femininas.⁹

As principais delas são: passadeiras/lavadeiras (99,9% da ocupação é exercida por mulheres), costureira (97%), secretárias e enfermeiras diplomadas (96%), emprego doméstico (94%), enfermeira não-diplomada (93%), telefonista (92%).

Indubitavelmente, a maior parte delas está vinculada ao consumo individual (emprego doméstico, lavadeira/passadeira, faxineira, costureira, cabeleireira/manicure), não apresentando entre as 10 principais nenhuma ocupação da esfera da produção.

Recorde-se que essas 10 atividades são responsáveis por 70% do emprego feminino.

Assim, pode-se perfeitamente constatar que o universo de trabalho da grande maioria das mulheres da RMS, do ponto de vista da natureza do trabalho, e — dela decorrente — das condições de trabalho, pouco tem de "beleza". Sua estruturação guarda traços bastante evidentes de uma sociedade tradicional, onde a divisão sexual do trabalho está fortemente marcada pelo trabalho feminino em torno do consumo individual, quando não do trabalho doméstico.

Portanto, no conjunto do mercado de trabalho atual da RMS, ainda tem peso significativo um conjunto de ocupações que sempre foram exercidas por mulheres. E que, teoricamente, numa sociedade que passou pelas transformações que passou, a RMS deveria ter perdido importância relativa.

Mercado de trabalho desigual para homens e mulheres. Mercados de trabalho específicos para brancos e pretos. Esta é a verdade revelada em relação à esta "cidade de Oxum".



PRINCIPAIS SUBGRUPOS OCUPACIONAIS DA CBO, POR COR

Ordem	BRANCO		PRETO		PARDO	
	Subgrupos	%	Subgrupos	%	Subgrupos	%
1	Vendedores em geral	12,8	Serv. Faxi. Lixe. etc.	14,0	Vendedores em geral	14,8
2	Auxiliares adm. em geral	6,5	Vendedores em geral	13,6	Empregados domésticos	7,8
3	Operadores Máq.C.C. e Trato.	3,8	Empregados domésticos	10,3	Ocupações mal definidas	6,8
4	Empr. Domes./Ocup. Mal def.	3,4	Ocupações mal definidas	8,0	Operadores Maq.C.C. e Trato.	4,5
5	Professores 1º grau	3,2	Lavadeiras, passadeiras	5,5	Auxiliares Adm. em geral	4,2
6	Empresário no comércio	3,1	Trab. braçais s/especificação	4,4	Serv. Faxi. Lixe. etc.	3,9
7	Auxiliares contabilidade	2,5	Pedreiros	3,6	Lavadeiras, passadeiras	3,0
8	Engenheiros, arquitetos	2,2	Pintores, ceramistas	3,2	Vígias	2,5
9	Diretores, tecn. educação	2,1	Auxiliares adm. em geral	2,7	Trab. braçais s/spec.	2,3
10	Secretários	2,0	Vígias	2,5	Auxiliares contabilidade	2,
SOMATÓRIO		45,	SOMATÓRIO	67,8	SOMATÓRIO	52,0

Fonte: PED — Pesquisa de Emprego e Desemprego. Convênio SETRAB/SUDENE/SEADE/UFBa e MTb.

(9) Adotou-se como critério para caracterizar uma ocupação feminina: a) absorver mais de 80% de mulheres, ou representar mais de 3% do emprego feminino.